



Título PAISAGEM RESGATADA

Concepção e implementação Paulo Palma, Rita Catarino

Coordenação Museu da Luz

Produção EDIA_Museu da Luz

Texto Dirk Hennrich

Edição Vídeo Cedro Plátano

Montagem Paulo Palma, Rita Catarino, Daniel Martins da Silva

Apoio Grupo Nabeiro

abril 2015



EXPOSIÇÃO

PAISAGEM RESGATADA

Paulo Palma Rita Catarino

11 de ABRIL - 31 de MAIO
2015



**A Aldeia da Luz e a Albufeira de Alqueva:
Paisagem submersa, Paisagem resgatada.**

Resgatar o passado e deixá-lo surgir novamente é, a par do esforço de permanecer no presente, a mais importante preocupação do homem. Somente assim lhe é possível compreender e conquistar o futuro, que deve ser pelo menos igual ou em muitos dos casos diferente do passado. Neste sentido há, e genuinamente, na cultura portuguesa aquilo que é chamado *saudade*, um termo popular e igualmente extremamente poético e filosófico, cuja definição pode ser descrita como a ‘lembrança de alguma coisa com desejo dela’, mas que não é simples e que não se resume com esta definição. Também existe uma ‘saudade do futuro’, uma ansiedade tão profunda por aquilo que há-de ser e um desejo daquilo que nunca foi mas que é mais desejado do que qualquer lembrança e qualquer presença. A nova Aldeia da Luz tem apenas ‘saudades do futuro’ enquanto a maioria dos seus habitantes, que ainda memorizam a velha Aldeia da Luz, tem a mais profunda saudade daquilo que foi e nunca mais pode ser. Isto é, porque a nova aldeia, e a paisagem que agora a con-torna, não se lembra muito daquilo que está submerso, não podendo ver o que está debaixo do véu que a água deitou sobre a paisagem do antigo Rio Guadiana. Não há mais nem vale nem rio nem passado, apenas um lago, um espelho gigantesco do céu com ilhas e baías, um arquipélago artificial numa paisagem que provavelmente nunca antes na imaginação do homem alentejano foi associada ao mar. Tanta água desejada durante séculos tornou-se, num certo ponto de vista, numa ameaça, tal como os mais profundos desejos do homem, enquanto se tornam reais, o assustam e o deixam à beira da sua própria existência. Assim pode-se dizer, no sentido de uma das mais formosas frases sobre a época dos descobrimentos, sem subscrever plenamente o seu sentido, que “desejar é preciso, realizar não”, vendo que o desejo era maior e sempre é maior do que qualquer resultado realizado em consequência do mesmo. O homem deseja, este é uma das suas essências, mas ele não deveria atrever-se a realizar plenamente todos os seus desejos, pois na sua imaginação ele ultrapassa tudo e a si mesmo, tudo que já foi realizado, como também tudo aquilo que pode ser realizado no futuro. O homem é uma máquina imaginativa sem grandes responsabilidades por aquilo que imagina – mas, sendo também um vivente entre seres vivos, a sua tarefa será também a de abraçar e apaziguar os seus próprios desejos enquanto não se encaixam no equilíbrio daquilo que é o objecto deles.

Diz-se, e percebe-se em muitos aspectos dos nossos dias, que a humanidade afinal conquistou o inteiro planeta, tendo-se tornado numa força geológica equivalente ou até maior do que qualquer força anterior, porque transforma cada vez mais, voluntária e involuntariamente, não só a terra firme, o curso dos rios, movendo ou erguendo montanhas e construindo metrópoles em pleno deserto, mas também o mar e a atmosfera, a inteira esfera planetária através da suas invenções tecnológicas cada vez mais aceleradas por uma imaginação desequilibrada e desprendida de valores axiomáticos. “Fazer da terra um mar” é neste sentido, e relacionado com a ‘Albufeira de Alqueva’, que é considerada com a sua extensão de 250 km² o maior lago artificial da Europa ocidental, uma das obras exemplares do assim chamado ‘Antropoceno’, em que a evolução das paisagens, como resultados de uma longínqua interacção entre o homem, os animais e o tempo, a chuva, o sol e o vento, é substituída por acções relativamente curtas e ao mesmo tempo faraónicas. O que ocorre quando o homem perpassa o seu habitat em que nasce e vive, é uma união entre o seu corpo e o corpo da paisagem, da terra, de que é formador e transformador e de que é transformado e moldado. Não é ape-

-nas o homem que sulca o campo preparando a terra para a próxima colheita, mas o homem é também sulcado pela terra, marcado em contacto directo, ferindo e cicatrizando. O homem não é uma árvore, mas quando nasce e vive durante um longo tempo numa certa região cria raízes cuja captação se sente também numa distância aparentemente insignificante de 3 km, a distância do lugar da velha Aldeia da Luz até ao lugar onde hoje a nova velha aldeia se situa. O tempo é o factor essencial da nossa percepção das paisagens e uma paisagem, que nos convence com a sua autenticidade, com a sua própria disposição, é sempre transformada em durações longas e complexas e quase imemoráveis para a memória humana. Visitar e ver a paisagem da Albufeira de Alqueva ao redor na nova Luz é também por isto uma experiência estranha e ao mesmo tempo altamente estética, porque percebemos imediatamente que esta paisagem não é igual às paisagens que encontramos como paisagens vagamente surgidas em qualquer território do mundo. A paisagem em torno da albufeira é uma invenção (in)voluntária de um grande esforço técnico, da vontade de poder, da vontade de fazer a natureza objecto e serva das necessidades económicas e geoestratégicas do homem. O que percebemos é, numa percepção livre do avistado, uma paisagem enquadrada, delineada, supervisionada, uma paisagem vigiada mas não necessariamente apreciada e abraçada por aqueles que se tornaram os responsáveis do território da Albufeira de Alqueva. Esta paisagem é criada, regada, plantada e pode ser explorada e fotografada em todos os seus pormenores, mas ela não está mais carregada com aquela disposição, com aquela atmosfera que uma vez uniu a sua diversidade numa característica própria ou até numa vibração específica sentida pelos povos que nesta região se assentaram ou em tempos de paz e guerra a atravessaram.

Resgatar a memória de uma paisagem submersa é diferente de resgatar a memória dos seus antigos e actuais habitantes. Uma paisagem submersa não é resgatável, não aparecerá outra vez como outrora na face da terra, apenas é memorável na imaginação dos antigos habitantes ou na imaginação artística e poética. A memória do Castelo da Lousa, dentro do seu sarcófago de areia e cimento, todas as pegadas pré-históricas, os fundamentos da antiga Aldeia da Luz, as antigas pontes, e tudo mais são memórias naufragadas que não são reanimáveis, embora sim catalogáveis e tornáveis em objectos da história, prontas para serem reproduzidas em livros, arquivos e museus. E esta diferença essencial entre memória e história, entre o tempo vivido e o tempo relatado e calculado através de factos e acontecimentos, ruínas e relíquias arqueológicas, atinge todas as paisagens e todos os espaços alguma vez habitados pelo homem. Percebe-se mais claramente este hiato entre a essência da memória e a essência da história na comparação entre o leito do Rio Guadiana e a Albufeira da Alqueva: O meandro da memória com os seus afluentes maiores e menores e, em contraste, o imenso depósito de água, a aparente paralisação do fluxo do tempo, e a delimitação artificial das suas margens. A memória que está ligada a cada vida de forma orgânica e a história que sobressalta cada indivíduo pelo suposto bem do colectivo, velando ocorrências e deixando lacunas, espaços vazios, que apenas a imaginação, o sonho ou o pesadelo preenchem.

Dirk Michael Hennrich

Luz, 11 de Abril de 2015